

Educação Patrimonial



Programa Mais Educação

Ficha Técnica

Ministério da Cultura

Ministra

Ana de Hollanda

Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional - Iphan

Presidente

Luiz Fernando de Almeida

Diretor de Articulação e Fomento

Claudio Antonio Marques Luiz

Coordenadora de Educação Patrimonial

Sônia Regina Rampim Florêncio

Texto

Ellen Christina Ribeiro Krohn

Ivana Medeiros Pacheco Cavalcante

Juliana Izete Muniz Bezerra

Juliana Souza Silva

Maria da Glória Medeiros

Pedro Gustavo Morgado Clerot

Sônia Regina Rampim Florêncio

Edição

Claudio A. Marques Luiz e

Pedro G. M. Clerot

Diagramação

Núbia Selen Lira Silva

Fotos

Acervo Iphan, Ivo Barreto e

Projeto Re(vi)vendo Êxodos

Ilustrações

Paulo Farsette

Ministério da Educação

Secretaria de Educação Básica/MEC

O patrimônio cultural é que faz o Brasil ser Brasil

O patrimônio cultural é o conjunto de manifestações, realizações e representações de um povo. Ele está presente em todos os lugares e atividades: nas ruas, em nossas casas, em nossas danças e músicas, nas artes, nos museus, escolas, igrejas e praças. Nos nossos modos de fazer, criar e trabalhar. Nos livros que escrevemos, na poesia que declamamos, nas brincadeiras que fazemos, nos cultos que professamos. Ele faz parte de nosso cotidiano, forma as identidades e determina os valores de uma sociedade. **É ele que nos faz ser o que somos.**



A Educação Patrimonial está no Mais Educação

A série Educação Patrimonial traz informações e atividades que estimulam a vontade de observar, identificar e pesquisar os múltiplos sentidos que constituem nossa cultura e o **patrimônio cultural brasileiro**.

Neste primeiro fascículo, você encontra a proposta de Educação Patrimonial no âmbito do Programa Mais Educação, bem como esclarecimentos acerca dos materiais e equipamentos audiovisuais que sua escola vai adquirir ao escolher esta nova atividade.

O que é Educação Patrimonial?

A Educação Patrimonial no Mais Educação propõe uma forma dinâmica e criativa da escola se relacionar com o patrimônio cultural de sua região e, a partir dessa ação, ampliar o entendimento dos vários aspectos que constituem o nosso patrimônio cultural e o que isso tem a ver com formação de cidadania, identidade cultural, memória e outras tantas coisas que fazem parte da nossa vida mas, muitas vezes, não nos damos conta do quão importantes elas são.



A Educação Patrimonial na escola faz parte do currículo como tema transversal, integrando-se ao conteúdo das diversas áreas de conhecimento com o propósito de sensibilizar os jovens do ensino básico e médio para conhecer, valorizar e proteger o patrimônio cultural.

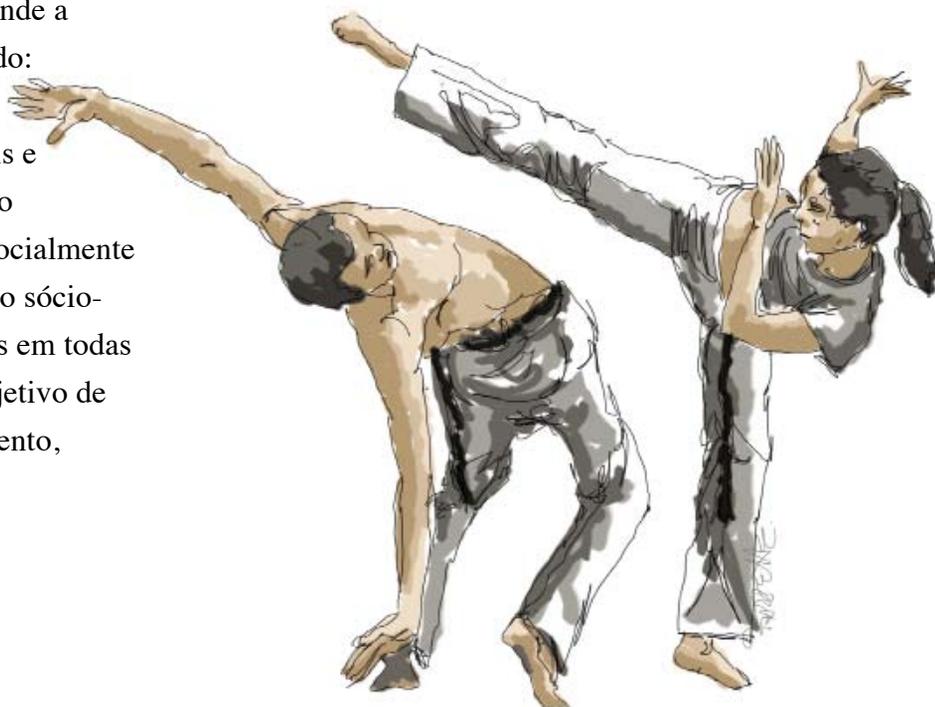
Marcos legais da Educação Patrimonial

O Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional/Iphan - instituição federal, vinculada ao Ministério da Cultura/MinC e responsável pela política de patrimônio cultural em nível nacional – entende a Educação Patrimonial como sendo:

“os processos educativos formais e não-formais que têm como foco o patrimônio cultural apropriado socialmente como recurso para a compreensão sócio-histórica das referências culturais em todas as suas manifestações, com o objetivo de colaborar para o seu reconhecimento, valorização e preservação.”

O Iphan considera ainda que:

“os processos educativos devem primar pela construção coletiva e democrática do conhecimento, por meio do diálogo permanente entre os agentes culturais e sociais e pela participação efetiva das comunidades detentoras das referências culturais onde convivem diversas noções de patrimônio cultural.”





UNIAO

AMOR

MAE x PAI

CASA DEUS

PAI

MAE

Por que a atividade de Educação Patrimonial no Mais Educação?

É possível estimular um novo olhar para a escola e o território no qual ela está inserida a partir da ideia de torná-los **espaços educativos**. Os patrimônios culturais que estão na escola e no seu entorno certamente podem ajudar nessa transformação.

Espaço educativo é...

“Todo espaço que possibilite e estimule, positivamente, o desenvolvimento e as experiências do viver, do conviver, do pensar e do agir consequente [...]. Portanto, qualquer espaço pode se tornar um espaço educativo, desde que um grupo de pessoas dele se aproprie, dando-lhe este caráter positivo, tirando-lhe o caráter negativo da passividade e transformando-o num instrumento ativo e dinâmico da ação de seus participantes, mesmo que seja para usá-lo como exemplo crítico de uma realidade que deveria ser outra.

[...] O arranjo destes espaços não deve se limitar a especialistas (arquitetos, engenheiros...), mas sim, deve ser prática cotidiana de toda a comunidade escolar.”

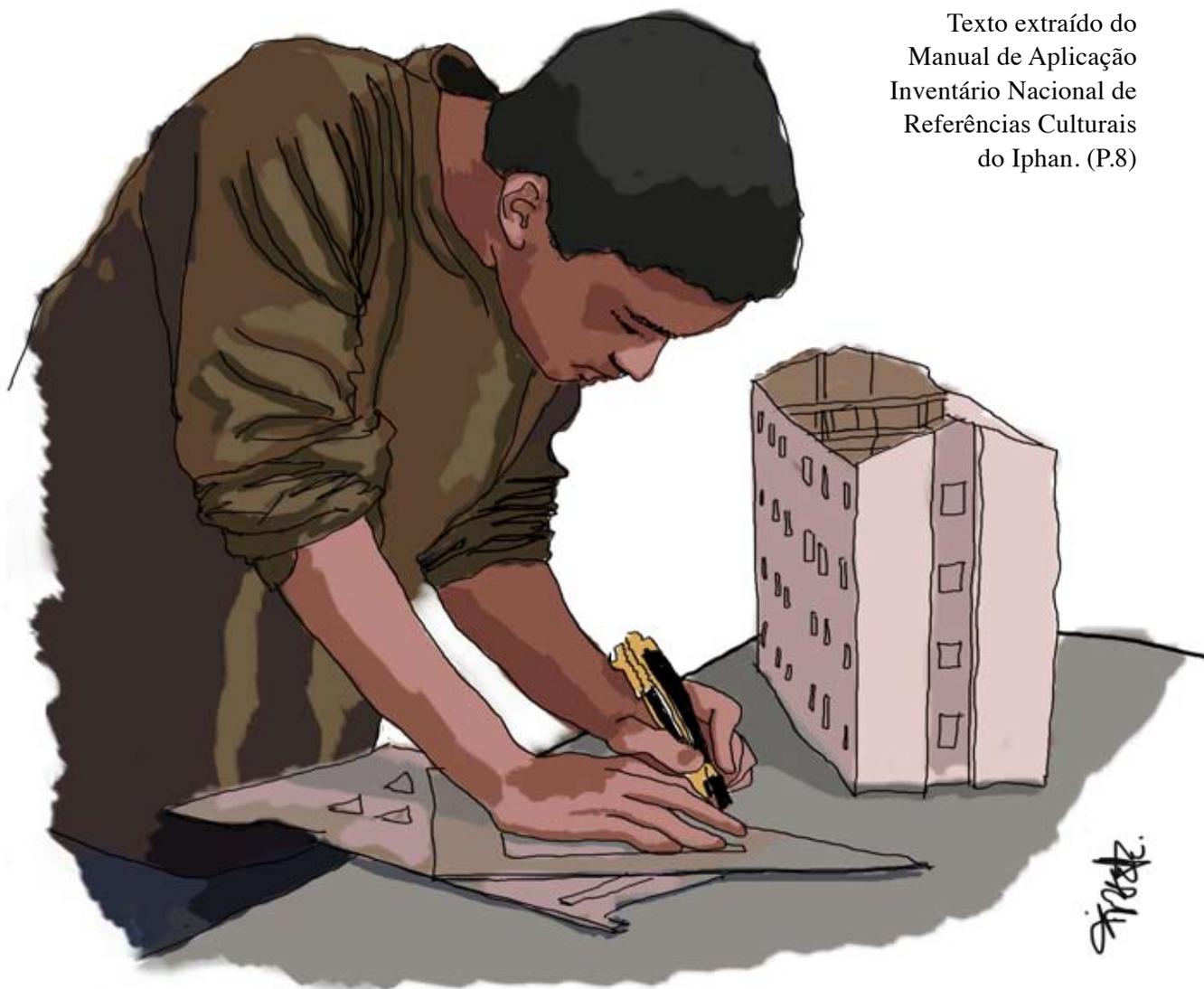
Ana Beatriz Goulart de Faria, a partir da definição de Mayumi Souza Lima, retirado da série “Cadernos Pedagógicos” do Programa Mais Educação.

A escola, a partir da participação ativa dos professores, monitores, coordenadores e estudantes, pode oferecer oportunidades de reflexão e aprofundamento do conhecimento partindo do contexto sócio-cultural e ambiental de seu entorno. Ali estão nossas raízes – nossas **referências culturais** mais próximas. É a partir delas que podemos propor reflexões sobre o que esse patrimônio representa ou pode vir a representar.

Referências Culturais

“... são edificações e são paisagens naturais. São também as artes, os ofícios, as formas de expressão e os modos de fazer. São as festas e os lugares a que a memória e a vida social atribuem sentido diferenciado: são as consideradas mais belas, são as mais lembradas, as mais queridas. São fatos, atividades e objetos que mobilizam a gente mais próxima e que reaproximam os que estão longe, para que se reviva o sentimento de participar e de pertencer a um grupo, de possuir um lugar. Em suma, referências são objetos, práticas e lugares apropriados pela cultura na construção de sentidos de identidade, são o que popularmente se chama de raiz de uma cultura.”

Texto extraído do
Manual de Aplicação
Inventário Nacional de
Referências Culturais
do Iphan. (P.8)



A Educação Patrimonial propõe a articulação de saberes diferenciados. No caso das ações na escola, une o conhecimento oferecido pelo programa curricular com o conhecimento tradicional das nossas comunidades. Esta proposta, pode ser trabalhada nos diferentes níveis de ensino, e também no âmbito da educação não-formal, centrando as ações nos **espaços de vida** representados pelos territórios educativos.

Espaços de vida

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação – 9.394/1996 prevê no artigo 1º, que “a educação abrange os processos formativos que se desenvolvem na vida familiar, na convivência humana, no trabalho, nas instituições de ensino e pesquisa, nos movimentos sociais e organizações da sociedade civil e nas manifestações culturais”, ou seja, identifica os contextos culturais das pessoas como importante espaço de formação dos sujeitos.



Proposta para atividades no Mais Educação

O melhor guardião do patrimônio cultural é sempre seu dono. São as pessoas que o fabricam, o praticam, moram nele, ou em seus arredores ou, em termos mais gerais, são as pessoas para as quais esse patrimônio tem importância direta, por estar intimamente associado às suas vidas. A proposta da Educação Patrimonial na escola é envolver a comunidade escolar no reconhecimento e valorização dos **bens culturais** e das pessoas que formam o **patrimônio cultural**, e que estão bem ao nosso lado.

Bens culturais e patrimônio cultural

Na nossa vida pessoal aquilo a que atribuímos valor se torna um bem – algo que buscamos manter, preservar, pois nos enriquece de alguma forma. Ao falarmos do nosso patrimônio cultural, nos referimos ao conjunto de bens que constituem a nossa cultura, algo que nos enriquece enquanto povo.

Segundo a definição do Art. 216 da Constituição da República Federativa do Brasil, o patrimônio cultural brasileiro constitui-se dos “bens de natureza material e imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira, nos quais se incluem:

- I - as formas de expressão;
- II - os modos de criar, fazer e viver;
- III - as criações científicas, artísticas e tecnológicas;
- IV - as obras, objetos, documentos, edificações e demais espaços destinados às manifestações artístico-culturais;
- V - os conjuntos urbanos e sítios de valor histórico, paisagístico, artístico, arqueológico, paleontológico, ecológico e científico.”

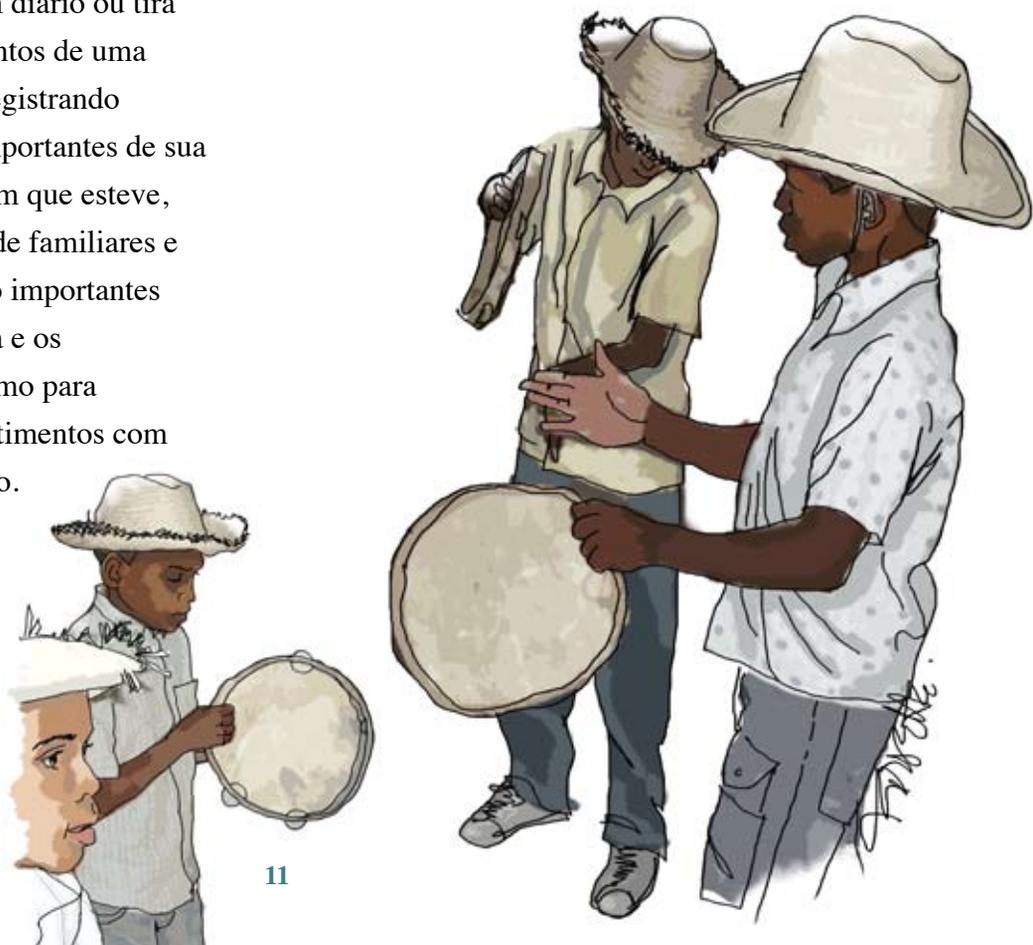
Um dos instrumentos para se conhecer o patrimônio cultural e perceber sua presença na vida das pessoas é o **inventário**.

O Inventário

Fazer um inventário é fazer um levantamento, uma lista descrevendo os bens que pertencem a uma pessoa ou a um grupo. Quando falamos em inventariar os bens culturais de um lugar ou de um grupo social, estamos falando em identificar suas referências culturais.

Além de saber quais são esses bens, precisamos saber quais são suas características e por que eles são importantes para este grupo. Por exemplo, quando alguém escreve um diário ou tira fotografias ou filma momentos de uma viagem, essa pessoa está registrando memórias de momentos importantes de sua vida, paisagens e lugares em que esteve, geralmente na companhia de familiares e amigos. Esses registros são importantes para mantermos a memória e os sentimentos vivos, bem como para compartilharmos esses sentimentos com quem não estava lá conosco.

Quando fazemos um inventário de um bem cultural, tratamos de descrevê-lo e documentá-lo escrevendo sobre ele, fotografando, filmando, fazendo entrevistas, gravações sonoras, e outras formas de documentação. Trata-se também de levantar informações já produzidas sobre aquele bem em outros locais, como arquivos e bibliotecas. Documentos, mapas, fotografias, filmes, cartas e outros registros podem ajudar nesse levantamento.



Ter um bem cultural documentado (por meio de textos, fotos, vídeos e desenhos) pode servir como fonte para pesquisas, como referências do passado para se entender melhor o presente e desenhar o futuro; como registro de uma manifestação cultural que não ocorre mais, mas que permanece viva na memória das pessoas e que pode vir a ser retomada, como uma festa, por exemplo.

O inventário também pode contribuir para atividades que tragam as referências culturais do entorno da escola para a sala de aula: o conhecimento sobre as formas geométricas e as técnicas utilizadas na construção das casas, praças, templos e edifícios da região podem ser aplicadas em aulas de matemática, física e química. Uma dança típica pode ser trabalhada nas aulas de educação artística e de educação física. As transformações do espaço podem ser investigadas na geografia, física, química, história, língua portuguesa, biologia.

Desenhos e pinturas encontrados em cavernas,

grutas, rochas, paredes, templos podem dar ensejo a debates em todas as disciplinas curriculares.

Equipamento e recursos para o inventário

Ao escolher a Educação Patrimonial a escola receberá recursos do Programa Dinheiro Direto na Escola - Educação Integral - para aquisição de equipamentos audiovisuais, para elaboração e divulgação do inventário do patrimônio local:

- 05 máquinas fotográficas com a função filmagem;
- 05 gravadores de áudio digital (MP3);
- HD externo;
- tripé de câmera;
- as fichas para o inventário impressas e reunidas em fichários, seguindo modelo utilizado pelos técnicos do Iphan/MinC em seus inventários;
- cartucho colorido de impressora ou apoio para serviço de impressão;
- R\$ 1.000,00 (mil reais) como apoio para as saídas de campo;
- R\$ 700,00 (setecentos reais) para produzir exposições, encontros, rodas de memória, mostras de filmes, e outros, a partir dos resultados do inventário.

As categorias do inventário

O inventário traz um conjunto de fichas para os estudantes organizarem e reunirem informações sobre o patrimônio cultural local. Sugerimos algumas categorias para classificar os diversos bens culturais: Lugares, Objetos, Celebrações, Formas de Expressão, Modos de Fazer e Saberes. Elas são baseadas nas categorias que o próprio Iphan/MinC utiliza em seus trabalhos de identificação e reconhecimento do patrimônio cultural do Brasil.



Lugares

No território em que será feita a pesquisa, alguns lugares podem possuir significados especiais para a comunidade porque neles coisas importantes acontecem ou já aconteceram. Podem se tornar referências, lugares como: uma feira, uma casa, uma paisagem, uma praça, um bosque, um sítio arqueológico, um centro histórico, uma rua, um rio, uma ruína de construção antiga etc.



Objetos

Os objetos fazem parte da memória e da história de uma comunidade. Alguns são importantes pela função que desempenham ou desempenharam: seja uma função decorativa (luminárias, esculturas, vasos de flores etc.); seja uma função utilitária (cadeiras, mesas, ferramentas, moedas etc.); seja uma função simbólica (objetos religiosos/sagrados, bandeiras, trajes utilizados em rituais etc.). Podem ser importantes pelo papel social ou político de seus proprietários, ou ainda, pelo valor artístico dos objetos (no caso das obras de arte popular e erudita, como pinturas, esculturas, desenhos, músicas etc.)



Celebrações

São eventos coletivos em que se comemora ou rememora algum acontecimento. Geralmente são organizadas com antecedência e envolvem muitas pessoas, às vezes diferentes grupos da sociedade. Em geral, as celebrações se repetem a cada ano, ou de tempos em tempos e são passadas de geração para geração. Podem ter significado religioso, como as festas dos santos padroeiros das cidades, ou as festividades dos terreiros de candomblé; podem ser de caráter cívico, como as comemorações das datas importantes da pátria ou da cidade; ou relacionadas aos ciclos produtivos, como as “festas do milho”, da “uva”, do “peixe”; podem ser formas de marcar momentos especiais da vida de uma pessoa junto à sua comunidade, como acontece nos rituais de passagem para a vida adulta de alguns povos indígenas ou nas festas de casamento. Enfim, são inúmeras as motivações de uma comunidade para se organizar e celebrar.



Formas de expressão

São as diferentes maneiras pelas quais uma comunidade demonstra e comunica sua cultura: música, dança, literatura, causos, pinturas, esculturas etc. Um mesmo bem cultural entendido como forma de expressão pode envolver várias dessas linguagens. Pode ser uma encenação típica que envolva música, dança e teatro. Um exemplo são as diferentes encenações com a figura do boi em todo o Brasil. Podem ter diferentes sentidos: religiosos, como uma folia de reis ou uma procissão. Podem comunicar protestos sociais, como o hip-hop; podem fazer parte dos períodos de trabalho, como os cantos de mutirão; e outras maneiras de comunicação, como os modos de falar: as línguas indígenas, dialetos, sotaques e termos típicos, como gírias.



Saberes

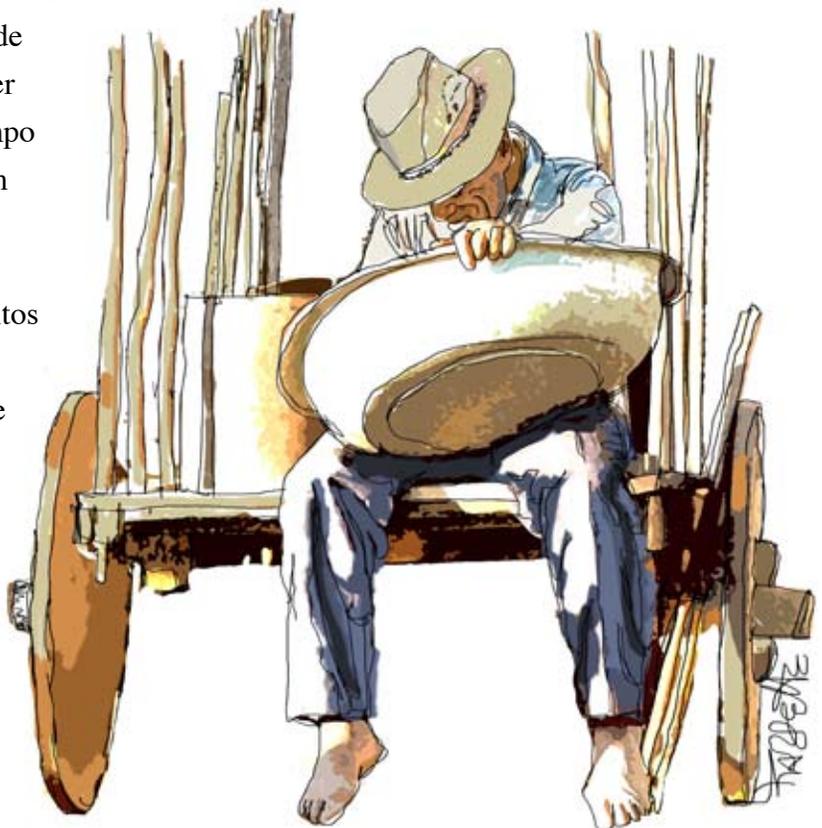
São formas próprias de produzir algum bem ou realizar algum serviço, como a receita de uma comida típica, ou uma técnica especial utilizada para tocar ou produzir um instrumento musical.

Podem ter sentidos práticos ou rituais, sendo que, às vezes, reúnem as duas dimensões. É o caso das práticas relacionadas à cura, presentes nas benzeduras ou pajelanças.

Envolvem o conhecimento de técnicas e matérias-primas, que dizem muito sobre o meio ambiente e o modo como as pessoas interagem com ele. Um exemplo é o dos ofícios tradicionais de pescador, quebradeira de coco babaçu, catadores de açaí, garimpeiro, seringueiro; ou a maneira de construir uma casa de taipa, adobe, ou madeira, como nas palafitas etc.

Alguns saberes e práticas explicam muito da história de uma comunidade. As que têm um forte vínculo com o campo, por exemplo, podem ter como referência o ofício de vaqueiro ou de aboiador; outras podem ainda desenvolver práticas que eram feitas desde muito tempo por populações originárias que habitavam o território e que não existem mais.

Algumas práticas estão presentes em muitos lugares, mas se desenvolvem de maneira diferente em cada um, como as formas de cultivo e utilização da mandioca ou de destilação da cana.



As fichas de inventário fazem parte do kit da atividade de Educação Patrimonial do Programa Mais Educação. No próximo fascículo, serão disponibilizadas mais informações sobre Cultura, Memória e Identidade Cultural para os coordenadores, docentes e monitores planejarem as ações com a escola e os estudantes e, dessa forma, ajudarem no mapeamento das riquezas culturais presentes em todos os cantos do Brasil – começando pelas escolas e seus arredores.



